

O GÊNERO POEMA NA AQUISIÇÃO LEITORA E ESCRITORA DOS ALUNOS

Francisca Vânia Rocha Nóbrega – PROFLETRAS/UFPB
Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti – UFPB

Este estudo tem como objetivo principal apresentar a poesia como uma ferramenta didática e pedagógica eficiente na aquisição da leitura e da escrita nas aulas de Língua Portuguesa, no ensino fundamental. Nossos alunos, de um modo geral, apresentam um quadro desanimador sobre a proficiência leitora e escritora. São muitas as fragilidades no uso proficiente da língua. Diante dessa realidade, tomamos o gênero poema, para desenvolver nossa pesquisa com alunos do 9º ano, de uma escola pública de João Pessoa. A escolha desse gênero justifica-se pelo fato de que a poesia oferece leituras várias, múltiplas, ou seja, o texto poético é polifônico, plurissignificativo, repleto de simbologia, de imagens, de representações, de subjetividade e de valores diversos, que permeiam a nossa sociedade. Para o cumprimento de nossos objetivos, a fundamentação teórica está centrada nos estudos de Pinheiro (2000), Nunes (1996), Paes (1996), Kleiman (2012), Lyra (1986), Lajolo (2001), Gebara (2002) e Soares (2012), entre outros. A metodologia utilizada neste estudo tem como parâmetro a pesquisa bibliográfica e qualitativa.

Palavras-chave: Língua. Leitura. Escrita. Poesia.

INTRODUÇÃO

O domínio da leitura e da escrita nos é indispensável em todos os setores nos quais circulamos socialmente, para que sejamos sujeitos ativos e participativos de todos os processos que fazem parte da nossa vida diária, sejam eles de ordem familiar, profissional, religiosa, cultural, econômica, política, entre outros. Nessa perspectiva é que tomamos a poesia como uma ferramenta de empoderamento do sujeito leitor-escritor, ou seja, acreditamos que o poema seja um gênero textual que muito nos auxiliará na formação dos jovens leitores-escritores do 9º ano do ensino fundamental.

Tendo como ponto de vista esse paradigma, a presente pesquisa tem como objetivo principal apresentar a poesia como uma ferramenta didática e pedagógica eficiente na aquisição da leitura e da escrita proficiente nas aulas de Língua Portuguesa, como também usá-la como um recurso que auxilia o ser humano a compreender a sua própria existência, o outro e o mundo.

Tendo em vista esse objetivo principal, apontamos outros objetivos mais específicos para desenvolvermos a nossa pesquisa sobre o gênero textual poema como ferramenta didática e pedagógica no processo de aquisição da leitura e da escrita dos alunos da 9ª série do ensino fundamental, tais como apresentar o gênero poesia como elemento facilitador no processo ensino/aprendizagem em relação à aquisição da leitura e da escrita em sala de aula,

bem como apontar sua relevância no desenvolvimento da reflexão e criticidade dos nossos alunos.

Nesse sentido, faz-se necessário que ressaltemos a importância dos projetos de letramento para os jovens estudantes do ensino fundamental, haja vista os dados do IBGE, que indicam que, em 2007, 1,3 milhão de crianças de 8 a 14 anos não sabia ler nem escrever – 5,4% do total de 24,8 milhões de crianças que nessa faixa já deveriam estar alfabetizadas – sendo que 1,1 milhão estava na escola em 2007. As de 14 anos representavam 1,7% (58,1 mil adolescentes). E o espantoso é que a metade delas (45,8%) frequentava a escola.

Destacando aqui, também, os resultados das redações do ENEM 2015, que mostram claramente que os nossos jovens não sabem ler nem escrever com proficiência, uma vez que 529 mil zeraram as redações, e que a maior parte dos candidatos tirou entre 501 e 600 pontos (ao todo, 1.987.251 estudantes). Em 2014, dentre os que zeraram a redação, 13.039 copiaram textos motivadores da prova; 7.824 escreveram menos de sete linhas; 4.444 não atenderam ao tipo textual solicitado; 3.362 zeraram por partes desconectadas e 955 por ferirem os direitos humanos. A última avaliação do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) colocou o Brasil em um dos últimos lugares (49º), em um ranking de 56 países, em relação à leitura e à escrita.

Em sendo assim, para o cumprimento dos nossos objetivos, a fundamentação teórica deste estudo está centrada nos seguintes estudiosos: Pinheiro (2000), Nunes (1996), Paes (1996), Solé (1998), Kleiman (2012), Lyra (1986), Lajolo (2001), Gebara (2002), Soares (20012), entre outros.

Para a realização deste estudo, será utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica e qualitativa, que, de acordo com Oliveira (2001), diz respeito ao nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados, ou seja, a metodologia qualitativa incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. Realizaremos, portanto, para atingir os nossos objetivos, a leitura individual e coletiva de textos poéticos, a análise e a dramatização de poemas de autores e autoras brasileiros; a produção de poemas a partir da intertextualidade; a reescrita das produções poéticas, entre outros recursos.

A metodologia utilizada para trabalhar a poesia enquanto ferramenta pedagógica de empoderamento dos sujeitos leitores/escritores que, nesse caso são nossos alunos do 9º ano do ensino fundamental, está centrada na leitura coletiva e individual, bem como na leitura



encenada, na interpretação dos poemas, na análise, em recitais, em oficinas e saraus, na escrita e reescrita de poemas e na intertextualidade.

Se a leitura é um ato de percepção e atribuição de significados, através de uma conjunção de fatores pessoais como o momento, o lugar e as circunstâncias, ou seja, é uma interpretação sob as influências de um determinado contexto, e que nesse processo o indivíduo é levado a uma compreensão particular e social da realidade, haja vista tratar-se de um conceito de ordem cognitivo-sociológica, pelo qual a leitura é concebida como um processo de compreensão mais abrangente, essa dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, além dos culturais, econômicos e políticos. Sabemos, pois, do potencial de leitura encontrado em um texto literário, mais especificamente, nos poemas, com o qual nossos alunos se deparam.

Nunes (1996) chama-nos a atenção a respeito da importância ética da leitura, do seu valor de descoberta e de renovação para a nossa experiência intelectual e moral. Para ele, a prática da leitura é um adestramento reflexivo, um exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos e de outros. Trata-se, portanto, de uma prática solitária, na qual se trava uma singular dialética entre nós mesmos e o texto. A experiência de leitura reverte a favor da experiência da vida, geral e cumulativa, segundo o autor.

Compreendendo, assim, a poesia como linguagem na sua carga máxima de significado e de reflexão, portanto, poesia-pensante, mas também, ritmo, dança, música, sentimento, emoção, revolução; poesia que tem função social relevante, poesia de caráter humanizador, ético, capaz de mudar o leitor, o meio e o mundo. E para que o aluno seja capaz de compreender essa linguagem, é necessário que haja o contato, a familiaridade, o manuseio, a leitura, a intimidade, a análise, a interpretação, caso contrário não despertaremos o gosto dos nossos alunos para esse gênero textual de fundamental importância no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Candido (1995) acredita que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos, e, portanto, nos humaniza. Desse modo, negar a fruição da literatura na constituição do sujeito e do mundo é mutilar a nossa humanidade. O autor citado diz também que a poesia desperta nos alunos o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do amor.

Diante desses fatos, é perceptível a necessidade de mudanças de postura docente e discente em salas de aula em relação ao uso da poesia como um elemento didático e pedagógico na aquisição leitura e escritora. Não é possível ficarmos inertes diante da realidade atual, que nos desenha uma deficiência leitora e escritora muito acentuada, dos nossos alunos, tanto no ensino médio quanto no fundamental. Nós, que somos educadores e que conhecemos as dificuldades e necessidades de nossos alunos, devemos buscar novas e eficientes práticas de aquisição da leitura e da escrita nas salas de aula, de modo urgente. É preciso que atinjamos nossos jovens alunos; é necessário despertá-los para a consciência de que vivemos em um mundo letrado em todos os sentidos, não apenas letramento verbal, mas sim visual, midiático, entre outros, e para que sejamos sujeitos ativos nessa sociedade tecnológica, midiática e globalizada, precisamos dominar o universo da leitura e da escrita em todas as suas formas.

O gênero poesia na aquisição da leitura e da escrita

Muitos alunos nos questionam sobre a distinção entre poesia e poema. Explicamos, então que, etimologicamente, poesia vem do grego *poiesis*, que pode significar a atividade de produção artística ou a de criar, fazer, compor. Desse modo, a poesia pode estar presente em diferentes formas de expressão, como nas paisagens, nos objetos, na música, na dança, entre outros. Já o poema é a estrutura de uma poesia que usa as palavras como matéria prima, determinado enquanto gênero literário, uma espécie de receptáculo da poesia.

No poema, as palavras são postas para criar novos significados, a partir de um conjunto de sons rítmicos, através das rimas e das figuras de linguagem, capazes de transportar o leitor para o mundo que se quer criar por meio da poesia, já que ela é capaz de tornar quase visível o que se lê, trazendo para a realidade palpável, os mais profundos sentimentos do leitor, através de um “eu” ali representado no poema, de forma lírica, revelando sentimentos, emoções e estado de espírito desse eu que fala, que se revela ao outro e ao mundo.

Lyra (1986) conceitua a poesia ora como uma pura e complexa substância imaterial, anterior ao poeta e independente do poema e da linguagem, e que apenas se concretiza em palavras como conteúdo do poema, mediante a atividade humana; ora como a condição dessa indefinida e absorvente atividade humana, o estado em que o indivíduo se coloca na tentativa de captação, apreensão e resgate dessa substância no espaço abstrato das palavras. Ele diz que, se o poema é um objeto empírico, e se a poesia é uma substância imaterial, é que o



primeiro tem uma existência concreta, e a segunda, não. Isto é, o poema, depois de criado, existe por si, em si mesmo, ao alcance de qualquer leitor, mas a poesia só existe em outro ser. Primariamente, naqueles em que ela se encrava e se manifesta de modo originário, oferecendo-se à percepção objetiva de qualquer indivíduo; secundariamente, no espírito do indivíduo que a capta desses seres e tenta (ou não) objetivá-la num poema; terciariamente, no próprio poema, resultante desse trabalho objetivador pelo indivíduo-poeta.

Paes (1996), em sua obra “Poemas Para Brincar”, diz que a poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias, sem se dar conta delas. Por exemplo, a rima, ou seja, a semelhança dos sons finais entre duas palavras sucessivas, obriga o leitor a voltar atrás na leitura. Esta passa então a ser feita não linha após linha, sempre para frente, como na prosa, e sim num ir e vir entre o que está adiante e o que ficou atrás. Com isso, desautomatiza-se a leitura e se direciona a atenção para o conjunto de significados do texto, não apenas para a sequência deles.

Pinheiro (2000) diz que, mais que receitas, precisamos desenvolver e assumir algumas posturas quanto à leitura do poema e a leitura em geral, mas que se atreve a sugerir algumas posturas ao professor que deseja, em diferentes situações, levar a poesia a seus alunos como elemento didático e pedagógico do processo ensino/aprendizagem, e que já tenha tentado outras vezes, com ou sem sucesso, como: Não se fixar, de modo absoluto, no que deu ou não certo em experiências anteriores; não buscar resultados imediatos e visíveis – nesse campo, há coisas sutis que nem sempre vemos; ter constância no trabalho – é melhor ler diariamente um poema com seus alunos do que realizar um “festival de poesia”, lembra-nos Drummond; e por último, é imprescindível que o professor seja um leitor de poesia.

Devemos atentar para essa última recomendação de Pinheiro (2000), afirmando da necessidade do professor que vai trabalhar com o gênero poema ser íntimo dele, ou seja, além de leitor assíduo, ele tem por obrigação conhecer os mecanismos estruturais e de linguagem que são peculiares a esse gênero. Terá, por consequência das muitas leituras dos poemas, a sensibilidade aguçada para escolher e trabalhar poesia em sala de aula, despertando o gosto, o interesse e o desejo de produzir poemas por parte dos alunos.

Solé (1998) postula que o ato de ler tem que ser considerado como uma atividade comunicativa, interlocutiva e dialógica. Ou seja, para gostar de ler, o aprendiz precisa ter um contato imediato com o texto – o texto precisa dizer algo a ele, possibilitando uma “conversa” entre os conhecimentos prévios e os que irá construir por meio da leitura. Dentro dessa perspectiva, o aprendiz ativa os conhecimentos que já possui, relacionando-os à leitura que vai realizar, para que, dessa forma, seja construtora de novos conhecimentos. Para que seja



significativa, a leitura precisa ser reconhecida pelo leitor como possibilidade de ampliação de sua visão de mundo, ou seja, de suas experiências de vida.

O conhecimento prévio pode ser exemplificado através da utilização da comparação que Leffa (1996, p. 25) faz entre o processo de leitura e a construção de um prédio: O escritor é o arquiteto; o texto é a planta; o leitor é o construtor; o processo da compreensão é a construção do prédio; o produto da compreensão é o prédio pronto. O que acontece entre a apresentação da planta e o prédio pronto depende do conhecimento prévio do construtor, presumido pelo arquiteto. Este conhecimento presumido deve incluir não apenas familiaridade com diferentes tipos de construção e suas características distintas, mas também, a capacidade de inferir da planta todos os detalhes pertinentes que não foram mostrados.

Dessa comparação, podemos concluir que, para compreender um texto, o leitor deve articular os conteúdos nele contidos ao conhecimento de mundo que já possui, preenchendo as lacunas existentes, o que o levará a acumular novas aprendizagens. O leitor enquanto construtor deve ser capaz de realizar inferências, que só serão possíveis se forem ativados os esquemas cognitivos anteriores a essa nova construção, preenchendo, assim, as lacunas deixadas pelo texto, consolidando a compreensão.

Em relação ao processo de leitura de textos poéticos, desde que o homem surge e entra em contato com a realidade, inicia a realização de uma leitura da vida, por meio de sentidos. A leitura adquire um conceito bem amplo – o de conhecimento, interpretação e decifração do código, enigma que é o mundo. Nesse sentido, a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e o objetivo primordial desta implica a compreensão melhor do mundo. No caso da palavra poética, encontrar-se-á, ainda, uma leitura emocional e subjetiva (Martins, 1982). O poema realiza o milagre de aproximar o *inaproximável*, de nomear o *inomeável*, de reunir diversos elementos nas mais variadas formas, para dar voz a ideias intrínsecas ao ser humano, universais, que nem sempre são expressas através da escrita.

Para o poeta Octávio Paz (1982), a poesia é a forma natural de convivência entre os homens. Isto é, o fazer poético está na natureza humana. Não se pode definir poesia simplesmente como a expressão de sentimentos por meio de versos e rimas. O ofício do poeta está no trabalho com a palavra, diante da expressão de sua subjetividade. A poesia configura a obra prima do poeta, pois ele lapidou as palavras para a constituição dos sentidos desejados. Em sendo assim, fica claro por que acreditamos que a poesia seja um elemento facilitador na aquisição da leitura e da escrita proficiente, porque é natural ao homem a sensibilidade para a poesia. Talvez porque a linguagem poética seja universal, porque toca a alma, as emoções e os sentimentos.



Letramento e poesia na sala de aula

De acordo com Kleimen (1995), assumir o letramento como objetivo do ensino no contexto dos ciclos escolares implica adotar uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção de cunho tradicional que considera a aprendizagem de leitura e da produção textual como a aprendizagem de competências e habilidades individuais. A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva individualmente uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica.

Em instituições como a escola, em que predomina a concepção da leitura e da escrita como conjunto de competências, compreende-se a atividade de ler e de escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem.

Para letrarmos nossos alunos, na concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções inseparáveis dos contextos nos quais nossos alunos estão inseridos, utilizando-nos do gênero poesia, haja vista a afirmação Gebara (2002) sobre esse gênero, chamamos a nossa atenção para a possibilidade do aprimoramento da linguagem, das possibilidades viabilizadas pela estrutura que do texto poético oferece, como melodia, métrica, alternância tônicas e átonas, pontuação, entre outros. Devemos considerar, também, a afirmação dessa autora de que a linguagem poética dá uma nova roupagem ao velho, ou seja, às palavras já gastas no nosso cotidiano, moldando, então, a linguagem para uma nova perspectiva. Nessa ótica, a poesia possibilita o trabalho lúdico, na medida em que apresenta o jogo com as palavras e sons, fazendo com que nossos alunos compreendam que a poesia está em nós, nas coisas, nas pessoas, na natureza, nos sentimentos; enfim, que ela é real.

Cria-se, portanto, por meio da poesia, uma realidade paralela, diferente da histórica e social, uma vez que cada leitor fará uma leitura diferente e única do poema lido, dependendo de sua história de vida, de seus interesses, apreensões e visão de mundo; da relação eu-tu-mundo. E isso é possível porque na voz do poeta estão presentes as vozes de outras pessoas, de momentos históricos e sociais diversos. Assim, esse universo construído a partir do texto poético leva o leitor a aprofundar suas competências a partir de novas compreensões de si mesmo, dos outros e do mundo, já que essas novas leituras fazem com que o aluno conheça certos aspectos da realidade até então desconhecidos, bem como novos sistemas de referência, tornando-se assim sujeito crítico, capaz de agir e modificar a realidade.



Contudo, é preciso que estejamos atentos em relação à escolha dos poemas a serem trabalhados em sala de aula, para que estes sejam significativos para os nossos alunos, ou seja, estejam inseridos na realidade de suas vidas, nas suas vivências cotidianas, que façam parte do contexto social, cultural, geográfico, político e familiar no qual eles estão inseridos, para que, assim, eles compreendam a “concretude” da poesia.

Quando o professor utiliza a poesia em sala de aula nessa perspectiva, desenvolve-se a reflexão, a criatividade, a imaginação, a sensibilidade, a criticidade, contribuindo, dessa forma, para a formação crítica e reflexiva do educando. A partir desse ponto, o professor desenvolve tanto a capacidade de leitura quanto a de escrita proficiente do aluno, usando a reescrita de poemas, haja vista o que nos afirma Filipouski:

A poesia é uma das formas mais radicais que a educação pode oferecer de exercício de liberdade através da leitura, de oportunidade de crescimento e problematização das relações entre pares e de compreensão do contexto onde interagem. (Filipouski, p. 338, 2006).

Uma poesia apropriada e muito interessante para ser lida e encenada pelo professor, nas práticas de letramento no ensino fundamental, é o poema “O Palhaço Escritor”, de Cyro Matos, uma vez que a figura do palhaço é conhecida pelas crianças e algumas delas têm boas recordações, outras não, uma vez que há crianças que sentem medo de palhaços. Desse modo, sem sombra de dúvidas, trabalhar uma temática como essa, sobre algo que faz ou fez parte das vivências do aluno, uma vez que sabemos que, independentemente do fator econômico ou social, toda criança já teve contato com um palhaço, e que este tem valor destacado no imaginário infantil, despertará o interesse dos alunos e, conseqüentemente, propiciará condições favoráveis para o letramento escolar.

Considerações finais

Como foi dito anteriormente, se a leitura é um ato de percepção e atribuição de significados, através de uma conjunção de fatores pessoais como o momento, o lugar e as circunstâncias, ou seja, é uma interpretação sob as influências de um determinado contexto, e que nesse processo o indivíduo é levado a uma compreensão particular e social da realidade, haja vista tratar-se de um conceito de ordem cognitivo-sociológica, pelo qual a leitura é concebida como um processo de compreensão mais abrangente, essa dinâmica envolve



componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, além dos culturais, econômicos e políticos. Imaginemos, portanto, todo esse processo sem relação à leitura do poema, uma vez que este possui uma linguagem conotativa, plussignificativa, o efeito intenso que provoca no sujeito leitor.

A experiência de leitura poética reverte a favor da experiência da vida, geral e cumulativa do leitor, já que que ela nos traz recordações, sentimentos vividos anteriormente; retrata nossos medos, ânsias e desejos mais íntimos, que não revelamos a ninguém. Ajuda também a compreendermos melhor a nós mesmos, os outros e o mundo, uma vez que compreendemos a poesia como linguagem em sua carga máxima de significado e reflexão, ou seja, pensamento, sentimento, ética, humanização, transformação, libertação, salvação, prazer, imaginação, alegria, crescimento.

A poesia, enquanto instrumento didático e pedagógico em sala de aula, tem um papel relevante na aquisição leitora e escritora dos nossos alunos, uma vez que, ao ler, interpretar, analisar, transcrever e produzir poemas, os alunos vão criando intimidade com as palavras, as frases, o texto como um todo, e isso vai facilitando a proficiência leitora e escritora dos alunos, em relação ao nosso sistema linguístico.

Nesse sentido, o letramento escolar dos nossos alunos em relação à proficiência leitora e escritora mediada pela poesia, na perspectiva de prática social, ou seja, a língua em uso, articula com o processo ensino/aprendizagem e as múltiplas funções vivenciados pelos alunos, em seus diferentes contextos sociais.

Dessa forma, concluímos que a leitura e a escrita estão relacionadas a diferentes processos e estratégias, bem como a intrínseca relação com o outro, o mundo, com os sentimentos, as emoções, o conhecimento e as experiências de vida.

REFERÊNCIAS

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Para formar leitores e combater a crise da leitura na escola: acesso à poesia como direito humano. In: **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras. Momentos da Poesia – Dossiê Mario Quintana.** Porto Alegre, JUN./JUL. 2006.

GEBARA, A. E. L. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças.** Coordenação de Adilson Citelli e Lígia Chiappini. São Paulo: Cortez, 2002.

JOSÉ, Elias. **Cantigas de adolescer.** São Paulo: Atual, 1992.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In:



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Os significados do letramento. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995.

_____. **A. Leitura:** Ensino e Pesquisa. São Paulo: Ed. Pontes, 2001.

_____. **Leitura e interdisciplinaridade:** tecendo redes nos projetos da escola. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura:** uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LYRA, Pedro. **Conceito de Poesia.** São Paulo: Ática, 1986.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PINHEIRO, Helder. Caminhos da abordagem do poema em sala de aula. Graphos. João Pessoa, v.10, n.1, 2008.

_____. Poemas para crianças e jovens. In: **Poemas para crianças:** reflexões, experiências, sugestões. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PINHEIRO, Helder; BANBERGER, Richard. **Poesia na sala de aula.** 2ª ed., João Pessoa: Ideia, 2002.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento:** Um tema entre três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1998.